VÍDEO-CORPO COMO PRÁTICA ARTÍSTICA E PEDAGÓGICA

Betina Jacoby Möller (PIBIC/CNPq/FA/UEM), André Luís Rosa (Orientador). E-mail: alrosa@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes / Teatro / Cinema

Palavras-chave: corpo; tecnologia; contracolonial.

RESUMO

Esta pesquisa investiga o vídeo-corpo como dispositivo de criação artística e pedagógica, compreendendo o corpo enquanto ecossistema contaminado por histórias, memórias e tecnologias. Partindo do diálogo com a tese de doutorado de André L. Rosa (2017), que propõe o regime biotecnomágico como chave para a leitura de corpos mediados por tecnologias ancestrais e contemporâneas, articulado às vivências com produções audiovisuais realizadas na disciplina de Corpo e Voz do curso de graduação em Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e na oficina realizada pelo Núcleo de Estudos Cênico-Visuais (NEC), em Bauru, São Paulo. A investigação centra-se nas possibilidades do vídeo-corpo tensionar as epistemologias hegemônicas, ativando memórias e saberes historicamente subalternizados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise de produções audiovisuais, e a partir das contribuições teórico-práticas da cena, da tecnologia e da perspectiva contracolonial de Christine Greiner, Yuk Hui, Donna Haraway, Ramón Grosfoguel e Antônio Bispo dos Santos. Os resultados indicam a possibilidade de compreender o corpo enquanto ecossistema reprogramável, em oposição ao corpo normatizado pela matriz de poder colonial, na medida em que a tecnologia constitui-se antes como cosmotécnicas múltiplas do que como experiência universal. Conclui-se que o vídeo-corpo não pretende extinguir as desigualdades existentes entre tecnologia, arte e educação, mas cria rachaduras para que corporeidades marginalizadas e subalternizadas produzam suas próprias narrativas e conhecimentos, reafirmando a dimensão política do corpo e da imagem em movimento.

INTRODUÇÃO

O corpo, para além de uma unidade biológica, é compreendido como um ecossistema contaminado por histórias, memórias, resistências e tecnologias, mediado por relações de poder e disputas de representação. Nesse sentido, o vídeo-corpo, entendido como um dispositivo que articula corpo e tecnologia, pode

constituir-se como prática artística e pedagógica capaz de ativar memórias, produzir conhecimentos e afirmar modos de existência historicamente subalternizados pela matriz de poder colonial (Grosfoguel (2008).

Esta investigação parte do diálogo com a tese de doutorado do artista-docente-pesquisador André L. Rosa (2017), na qual o autor propõe o regime biotecnomágico como chave de leitura dos corpos enquanto ecossistemas mediados por tecnologias ancestrais e contemporâneas. Outros elementos que motivaram esta pesquisa estão relacionados às minhas vivências como estudante do curso de graduação em Licenciatura em Teatro da UEM, e ao contato com materiais audiovisuais produzidos em dois contextos distintos: na disciplina de Corpo e Voz e em uma oficina realizada pelo Núcleo de Estudos Cênico-Visuais (NEC), em Bauru/SP, na qual o vídeo-corpo foi utilizado como critério artístico-pedagógico de seleção do elenco da websérie *Pequenas Histórias Desencontradas* (2025).

A pesquisa busca compreender de que maneira os processos criativos em arte e educação podem incorporar a tecnodiversidade como estratégia interseccional entre tecnologias ancestrais e digitais, tensionando os processos de regulação e controle que a matriz de poder colonial ainda exerce sobre a produção de corporeidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, estruturada a partir de revisão bibliográfica e da análise de produções audiovisuais realizadas em contexto acadêmico: os vídeos produzidos na disciplina de Corpo e Voz do curso de graduação em Licenciatura em Teatro da UEM, e os vídeos resultantes da oficina realizada pelo NEC, em Bauru/SP. A análise parte de uma abordagem que articula e aproxima referências teóricas dos campos da cena, da tecnologia, do corpo e dos pensamentos decolonial e contracolonial, destacando as contribuições de Christine Greiner, Yuk Hui, Donna Haraway, Ramón Grosfoguel e Antônio Bispo dos Santos. A partir desse diálogo, busca-se refletir sobre o vídeo-corpo como dispositivo de criação em arte e educação, considerando as relações entre corpo, tecnologia, modos de produção de conhecimento e práticas pedagógicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo, neste estudo, será compreendido enquanto corpo-processo, um ecossistema em constante reprogramação, que não se reduz aos padrões normativos impostos por parâmetros socioculturais (Greiner, 2022). Em contraposição, encontra-se o corpo normatizado pela matriz de poder colonial, fundamentada a partir de uma perspectiva hegemônica, balizada pelo ideário do homem branco, cisheterossexual, capitalista e ocidental. Como aponta Grosfoguel (2008), todo conhecimento se situa, epistemicamente, no lado dominante ou subalterno das relações de poder, relacionando-se diretamente à geopolítica e à corpo-política do conhecimento. Nesse sentido, a escola, enquanto instituição moderna, constitui-se como um dos aparelhos de Estado em que a normalidade passa a ser requerida e naturalizada pelo pensamento hegemônico ocidental.

A tecnologia, por sua vez, não se resume aos dispositivos digitais. Yuk Hui (2020) defende que não existe uma tecnologia universal, mas uma multiplicidade de cosmotécnicas, nas quais cada cultura produz suas próprias tecnologias a partir de suas cosmologias. Reconhecer essa diversidade de modos de produzir e relacionar-se com as tecnologias constitui, portanto, uma possibilidade de contracolonialidade. Para Donna Haraway (2009), a tecnologia também não se encontra separada do corpo, e seu mito ciborgue evidencia que a separação entre orgânico e artificial nunca foi propriamente natural, mas uma construção política e social determinada e consolidada por disputas de poder e representação.

O vídeo-corpo enquanto dispositivo de criação em arte e educação desloca a condição de simples ferramenta de registro, possibilitando revisitar, reativar e reelaborar os próprios processos criativos. André L. Rosa (2017) afirma que a performance funciona como atos de transferência, transmitindo memórias, saberes e sentidos de mundo por meio de comportamentos restaurados. Nesse contexto, o vídeo-corpo também performa ao restaurar e reelaborar movimentos e corporeidades a partir de diferentes perspectivas. Durante a análise dos vídeos produzidos na disciplina de Corpo e Voz e na oficina realizada pelo NEC, percebi uma grande diversidade de escolhas, como o uso ou não de sons, diferentes enquadramentos, partituras corporais, dentre tantos outros elementos e dramaturgias, revelando como o vídeo-corpo se transforma em dispositivo reprogramável para cada corpo, em um cruzamento entre memórias pessoais e histórias sociais.

Por fim, as intersecções entre tecnologia e contracolonialidade evidenciam-se também nas desigualdades digitais, que reproduzem, no acesso e no uso das tecnologias, hierarquias constituídas pelos processos históricos de colonização. Antônio Bispo dos Santos (2015) propõe a contracolonialidade não apenas como crítica ao que foi imposto pela invasão colonial, mas como afirmação de outras formas de viver, produzir conhecimento e estabelecer conexões, fundamentadas nos saberes dos povos que resistem ainda aos efeitos da matriz de poder colonial. O vídeo-corpo torna-se, assim, também um gesto político: ao documentar corpos, histórias e saberes subalternizados, constitui-se como um dispositivo de resistência diante das colonialidades que ainda buscam determinar as inteligibilidades dos corpos e seus modos de existência.

.

CONCLUSÕES

Ao compreender o vídeo-corpo como prática artística e pedagógica, damos destaque às relações entre corpo e tecnologia, reconhecendo que essa aproximação atravessa diferentes modos de criar, existir e transmitir conhecimentos. A análise das produções audiovisuais evidenciou que o vídeo-corpo não deve ser compreendido apenas como ferramenta de registro, mas como dispositivo que participa ativamente dos processos de criação, produzindo outras formas de perceber, experimentar, elaborar e ativar corporeidades. A pesquisa também demonstrou que a tecnologia não é neutra: ao mesmo tempo em que pode ampliar

as possibilidades de criação e circulação de saberes, pode reproduzir estruturas de poder que historicamente invisibilizam determinados corpos e conhecimentos.
O vídeo-corpo não pretende resolver as desigualdades presentes nas relações entre tecnologia, arte e educação, a pesquisa ressalta que sua potência reside, justamente, nos modos pelos quais os corpos produzem e transmitem conhecimentos, e como as tecnologias ancestrais e contemporâneas podem participar desses processos sem subalternizar as histórias e os saberes que os constituem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Araucária e ao CNPq pelo financiamento da bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), bem como ao meu orientador, Prof. Dr. André Luís Rosa, e à Universidade Estadual de Maringá pelo apoio institucional concedido à pesquisa.

REFERÊNCIAS

GREINER, C. **Corpo e arte**. YouTube, 25 set. 2022. Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. Disponível em: https://youtu.be/X0y2DTuz9vQ. Acesso em: 02 mar. 2026.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, mar. 2008. Tradução de Inês Martins Ferreira. Disponível em: https://doi.org/10.4000/rccs.697. Acesso em: 25 set. 2025.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In:* TADEU, T. (org.). **A antropologia do ciborgue:** vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33–118.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ROSA, A. L. **corpos sem pregas:** performance, pedagogia e dissidências sexuais anticoloniais. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Artísticos) – Universidade de Coimbra, Portugal, 2017. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/42728. Acesso: 25 nov. 2025.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos:** modos e significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015.